

A forma como trama no horizonte da desinformação: pressupostos e hipóteses sobre a disseminação de informações não-jornalísticas de expressão noticiosa

The form as a plot on the horizon of misinformation: assumptions and hypotheses on the dissemination of non-journalistic information of news expression

La forma como trama en el horizonte de la desinformación: supuestos e hipótesis sobre la difusión de información no periodística de expresión noticiosa

**Razón
y Palabra**

e-ISSN: 1605-4806

VOL 25 N° 112 septiembre - diciembre 2021 Monográfico pp. 41-55

Recibido 08-12-2021 Aprobado 28-03-2021

Marcos Paulo da Silva

Brasil

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

marcos.paulo@ufms.br

Resumo

Ao apresentar ao debate acadêmico três pressupostos e duas hipóteses de investigação em interface com os estudos da expressão artística, o ensaio busca contribuir para uma agenda de pesquisa sobre a disseminação social de informações não-jornalísticas de expressão noticiosa – as chamadas “fake news” e outros formatos correlatos com aderência à lógica da desinformação. A primeira hipótese remete à compreensão de que no cenário contemporâneo de mudanças estruturais das práticas comunicativas a dimensão estético-expressiva das notícias adensa-se sobre suas dimensões pragmática e ético-deon-

tológica, bem como sobre os parâmetros clássicos de “disponibilidade” e de “adequação” dos fatos. Como segunda hipótese, entende-se que o processo contemporâneo de enfraquecimento dos contratos simbólicos da autoridade jornalística encontra respaldo em padrões culturais mais abrangentes que remetem à erosão de legitimidade de um rol mais amplo de instituições sociais modernas, como a ciência, a justiça, o ensino formal e a própria democracia. O desvelamento da complexidade desta dinâmica no horizonte da desinformação passa pelo reconhecimento crítico dos efeitos de sentido e de realidade dos fatos e pela compreensão da natureza cognitiva da noticiabilidade.

Palavras-chave: Jornalismo. Desinformação. Formas jornalísticas. Fake news.

Abstract

By presenting three assumptions and two research hypotheses to the academic debate in connection with the art expression studies, this essay aims to contribute to a research agenda about the social dissemination of non-journalistic information of news expression – such as the so-called “fake news” and other related formats with adherence of the misinformation logic. The first hypothesis refers to the understanding that in the contemporary scenario of structural changes in communicative practices, the aesthetic-expressive dimension of news transgresses its pragmatic and ethical-deontological dimensions, as well as the classic parameters of “availability” and “suitability” of facts. As a second hypothesis, it is understood that the contemporary process of weakening the symbolic contracts of the journalistic authority is supported by wider cultural patterns that refer to the erosion of credibility of a broader frame of modern social institutions, such as science, justice, formal education, and even democracy. Unveiling the complexity of this dynamic within the horizon of misinformation involves the critical recognition of the effects of meaning and the effects of reality of facts as well as the understanding the cognitive nature of newsworthiness.

Keywords: Journalism. Misinformation. Journalistic forms. Fake news.

Resumen

Al presentar al debate académico tres supuestos y dos hipótesis de investigación en interfaz con los estudios de expresión artística, el ensayo busca contribuir a una agenda de investigación sobre la difusión social de información no periodística de expresión noticiosa - como las llamadas “fake news” y otros formatos relacionados con la adhesión a la lógica de la desinformación. La primera hipótesis se refiere a la comprensión de que, en el escenario contemporáneo de cambios estructurales en las prácticas comunicativas, la dimensión estéti-

co-expressiva de la noticia supera sus dimensiones pragmática y ético-deontológica, así como los parámetros clásicos de “disponibilidad” y “adecuación” de los hechos. La segunda hipótesis es que el proceso contemporáneo de debilitamiento de los contratos simbólicos de la autoridad periodística se apoya en patrones culturales más amplios que se refieren a la erosión de la legitimidad de una gama más amplia de instituciones sociales modernas, como la ciencia, la justicia, la educación formal y la propia democracia. El desvelamiento de la complejidad de esta dinámica en el horizonte de la desinformación pasa por el reconocimiento crítico de los efectos de sentido y realidad de los hechos y la comprensión de la naturaleza cognitiva de la noticiabilidad.

Palabras clave: Periodismo. Desinformación. Formas periodísticas. Fake News.

Para situar o debate

A história da música techno é parecida com a da internet. Agora cada um pode compor músicas ao infinito. Músicas que se dividem cada vez mais em diferentes gêneros, conforme a personalidade de cada um. O mundo inteiro ficará repleto de músicas diferentes.

Ken Ishii, músico japonês

A expressão que marca a primeira parte do título deste trabalho – “a forma como trama” – e a epígrafe que a sucede, reflexão do músico japonês Ken Ishii, expoente da música eletrônica oriental, constituem tomadas de empréstimo do crítico de arte francês Nicolas Bourriaud (2009) na obra não casualmente intitulada “*Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*”. Dois movimentos inseridos nos meandros da vida cotidiana parecem despontar como imprescindíveis às reflexões do ensaísta francês: a “abolição da propriedade das formas” e, de modo mais abrangente, a “desmaterialização da atividade”. As incursões de Bourriaud (2009) na obra em questão perpassam as mais diferentes manifestações expressivas contemporâneas, mas no caso específico do exemplo em crivo encontram ressonância nos movimentos musicais que ganham terreno (e mercado) desde a década de 1990 – exatamente o período no qual a geração de Ken Ishii emerge ao sucesso. De acordo com Bourriaud (2009, pp.35-36),

Durante os anos 1990, a democratização da informática e o surgimento do sampleamento criaram uma nova paisagem cultural, cujas figuras emblemáticas são os DJs e os programadores. O remixador tornou-se mais importante do que o instrumentista, a rave, mais excitante do que um concerto. A supremacia das culturas da apropriação e do novo tratamento dado às formas gera uma moral: as obras pertencem a todos (...). A arte contemporânea tende a abolir a propriedade das formas ou, pelo menos, a perturbar essas antigas jurisprudências.

Abolição da propriedade das formas e desmaterialização da atividade. De antemão, como processos complexos, fora das bordas dos juízos normativos mais estanques, ambos não se constituem *per se* dinâmicas naturalmente positivas ou negativas. Consistem, por outro lado, em processos típicos deste recorte temporal – a contemporaneidade – nos quais em substância evocam a própria a subversão do ato de pós-produzir:

Agora que as recentes tendências musicais banalizaram o desvio, as obras de arte já não são consideradas obstáculos, e sim materiais de construção. Qualquer DJ hoje trabalha a partir de princípios herdados da história das vanguardas artísticas: desvio, *ready-made* recíprocos ou ajudados, desmaterialização da atividade. (Bourriaud, 2009, pp.38-39).

Em síntese, afirma Bourriaud (2009, p.41), “o consumidor customiza e adapta os produtos comprados à sua personalidade e às suas necessidades”. Trata-se de um traço cultural calcado na personalização, na remixagem e no “*make-your-self*”, movimento semelhante ao debatido por Anders Fagerjord (2010) no contexto da chamada “cultura pós-convergente”. Para o pesquisador norueguês, a representação digital contemporânea se tornou uma espécie de “língua franca” que resulta em um espaço compartilhado no qual formas oriundas de diferentes gêneros e mídias podem ser combinadas em novos formatos. “O *remix* é o que vem depois da convergência, por sua vez um processo de nivelamento entre diferentes mídias. (...) Milhões de pessoas com computadores baratos podem copiar e colar elementos originários da cultura de massa e montá-los em novas formas” (Fagerjord, 2010, p.190, tradução nossa).

Nesse contexto, em um sentido criativo, as mais diversas formas expressivas – das construções textuais às imagéticas – passam a se dar por meio da combinação de fragmentos, de recortes textuais, de trechos de músicas e de filmes etc., bem como do amálgama resultante dessas partes. Fagerjord (2010, pp.191-192) explicita que tais combinações podem ocorrer potencialmente em três níveis – nas tecnologias, nas mídias e nos gêneros expressivos – a partir de uma infinidade de possibilidades de (re)mixagem dos sistemas de signos, dos modos de aquisição e de distribuição, das interfaces, da relação pragmática com a realidade e do próprio propósito da produção. Antes das potencialidades da convergência digital, por exemplo, um livro (sistema de signos) não poderia conter vídeos e as emissoras de televisão (sistema de distribuição) necessariamente definiam o modo e o momento em que os usuários assistiam a um programa. Não casualmente, por conseguinte, o panorama contemporâneo de possibilidades constitui um convite à subversão das regras estético-expressivas e ao vanguardismo.

Mostra-se inegável, entretanto, que a criação artística fertilizada como vanguarda de seu tempo faz-se sempre passível de escapar de suas paredes originais – tal como o *Frankenstein* de Mary Shelley – e de reverter sua subversão ao ganhar o mundo dito real; aqui, no caso, o universo da vida cotidiana. A subversão adquire outras formas; e as formas *per se* não raramente tornam-se a própria trama. Nas engrenagens da vida cotidiana, adverte Bourriaud (2009, p.41), “o interstício que separa a produção do consumo se retrai a cada dia”, fazendo-se possível “produzir uma obra musical sem

saber tocar uma única nota” – uma reversão do sentido criativo ligada à dissolução da ideia de autoria.

Ao tratar de semelhante processo de reversão no escopo das tecnologias digitais da comunicação, Faro (2012) recorre a uma analogia com a experiência estética do *pointilismo*, técnica de pintura surgida na França no século XIX que constituiu um movimento artístico no interior das artes plásticas do período. Naquele caso, sublinha o autor, o caráter revolucionário da técnica acabou por ceder espaço a um processo reverso:

O resultado que os entusiastas da proposta conseguiram foi desastroso: o enquadramento do impressionismo à regra das cores e não ao impulso das impressões visuais. A consequência foi a perda gradativa do vigor que havia tornado o movimento de Monet, Renoir e outros, o responsável pela mudança na forma de ver e de pensar o mundo (...), um desfecho que deixou a vanguarda das artes plásticas superada pela corrente contra a qual ela havia se insurgido. Um paradoxo, sem dúvida: em nenhum outro momento da História da Arte um movimento de vanguarda ficou atrás das propostas contra as quais se insurgiu. (Faro, 2012, p.10).

Pois bem, no interior dos movimentos artísticos contemporâneos entrecruzados pelo desenvolvimento das tecnologias digitais – tal como os cenários narrados por Bourriaud (2009) e Fagerjord (2010) – as formas se materializam em enredos e a dimensão estético-expressiva dos fenômenos culturais adensa-se sobre suas demais dimensões – em especial sobre a postura ético-política dos artistas. O corolário que se segue, ao menos em termos de hipótese, encontra sintonia com a crítica aventada por Faro (2012, p.12-13) a respeito das formas narrativas propiciadas pelas tecnologias contemporâneas de comunicação: estas, obtêm respaldo na instrumentalização (no aguçamento dos sentidos de funcionalidade e de pragmatismo), no reducionismo linguístico (na ideia de fragmentação da autoria e da autoridade intelectual) e na simplificação do acesso e da disseminação.

Nesta biblioteca sem limites definidos – a exemplo da *Biblioteca de Babel* de Jorge Luís Borges, na qual as pessoas vagam por seus corredores em busca de sentido – para qual galeria se endereça o jornalismo? Como forma de contribuir para uma agenda de pesquisa sobre o tema, busca-se neste ensaio a construção de três pressupostos e de duas hipóteses de investigação sobre a disseminação social de informações jornalísticas e não-jornalísticas de expressão noticiosa com aderência à lógica da desinformação.

Interatividade e personalização no jornalismo avançado: pressupostos iniciais

No início dos anos 2000, autores como Palácios (2003), Mielniczuk (2003) e Salavería e Negrodo (2008) – devotados ao estudo das então novas manifestações jornalísticas – confluíram no entendimento de que o jornalismo digital possuía ao menos três características fundamentais: a hipertextualidade, a multimídia e a interatividade. Outras três características, todavia, foram acrescentadas por Palácios (2003) ao fenômeno:

a instantaneidade, a memória e a personalização – qualidades tratadas por Mielniczuk (2003) no escopo da terceira geração do ciberjornalismo.

As noções de interatividade e de personalização, portanto, passaram a galgar na virada do milênio postos nunca outrora experimentados no jornalismo ocidental. A princípio, a tecnicidade da personalização voltou-se à construção de estratégias calcadas na customização de conteúdos, seja num vértice de experimentação de linguagens ou na ótica dos modelos de negócio, contribuindo, por um lado, para a consolidação no jornalismo de uma cultura de nicho (Anderson, 2006) e, por outro, para a formação de circuitos fechados de usuários em torno de interesses comuns. Já a característica da interatividade encontrou aderência inicial nos princípios promissores da *open web* e no ideal democrático da “participação cidadã” propagado desde os anos 1990 nos processos jornalísticos (Quandt, 2018; Peters & Witschge, 2015).

Com o arraigamento da plataformação e da lógica algorítmica das redes sociotécnicas¹ na segunda década dos anos 2000 (Poell, Nieborg & Van Dijck, 2020), porém, os fenômenos da personalização/customização e da interatividade no jornalismo ganharam contornos ainda mais delineados. Nesse horizonte, Quandt (2018) chama a atenção para as falsas expectativas geradas desde a virada do milênio em torno do ideal da participação cidadã no jornalismo online e o efeito contrário resultante da propagação de discursos de ódio nos canais reservados à interação pública com os leitores, o que paradoxalmente culminou na restrição da interatividade ou no próprio fechamento das seções por parte dos veículos. Uma das contraindicações desse processo foi a vazão dada ao transbordamento da participação nas redes sociais sem qualquer relação com a dimensão ético-deontológica do jornalismo, contribuindo para um quadro de propagação de discursos desvinculados de quaisquer ideais cívicos. Além da sobrevalorização da utopia da participação cidadã como princípio democrático, o pesquisador alemão também alerta para o fato de o interesse econômico das corporações jornalísticas ter colaborado para a instrumentalização dos espaços de interação (Quandt, 2018). Por seu turno, Peters e Witsche (2015), em sentido semelhante, destacam que o foco do jornalismo online se centrou ao longo de sua curta história menos no engajamento cidadão e mais nas noções de audiência e de interação entre usuários, bem como em suas respectivas métricas e formas de monetização.

Para as finalidades deste estudo, tal instrumentalização das características da personalização e da interatividade como fenômeno do jornalismo contemporâneo e o respectivo paradoxo que o movimento endereça em termos de participação levam à mobilização de dois pressupostos teórico-conceituais fundantes para a compreensão da disseminação social de informações não-jornalísticas de expressão noticiosa nas redes sociotécnicas – as chamadas “fake news” e outros formatos correlatos com aderência

1 Entende-se por rede sociotécnica, na perspectiva de Latour (2013), uma das formas nas quais uma rede social pode se desenvolver, isto é, aquela na qual a tecnologia oferece a estrutura para a sustentação das relações sociais que se estabelecerão. Constitui-se, assim, uma rede sociotécnica, uma vez que não se trata apenas de uma rede de computadores, tampouco de um aglomerado de pessoas, mas de uma interconexão de seres humanos – uma rede social – possibilitada pelas tecnologias, onde o universo de interfaces se estabelece de forma peculiar, inclusive – e sobretudo – nas relações entre os indivíduos (Medeiros & Ventura, 2008).

à lógica da desinformação. O primeiro pressuposto (P1) edifica-se no próprio terreno das teorias do jornalismo enquanto o segundo (P2) tem inspiração nas teorias literárias.

Inicialmente, ressalta-se a distinção necessária – porém poucas vezes aprofundada para além do pragmatismo das análises – entre os conceitos de notícia (ou, mais precisamente, de sua proeminência midiática) e de noticiabilidade. Shoemaker e Cohen (2006, pp.342-343) dão um passo importante ao compreender a noticiabilidade como um constructo de ordem eminentemente cognitiva – ou seja, por essa ótica, a noticiabilidade irá sempre dizer respeito a julgamentos individuais – de jornalistas ou não – projetados sobre os acontecimentos do mundo fenomênico. Em outras palavras, eventos e informações não possuem noticiabilidade em si, mas são julgados a partir de valores de interesse. O caráter cognitivo da noticiabilidade (P1), ademais, mostra-se fundamental para o desvelamento da logicidade da personalização/customização e da interatividade/interação algorítmica nas redes sociotécnicas – afinal, na dinâmica comunicativa das redes, inscrita nos predicados debatidos por Bourriaud (2009) e Fagerjord (2010), cada indivíduo torna-se passível de ser o *editor-in-chief* de sua própria *timeline*.

Para Shoemaker e Cohen (2006, pp.351-353), a noção de noticiabilidade não se ajusta automaticamente à ideia de proeminência na mídia convencional. Da mesma forma, a existência de distintas percepções sobre a noticiabilidade em diferentes recortes geográficos explica-se pela maneira como as próprias realidades sociais se diferenciam entre si. A noticiabilidade deve ser interpretada, assim, como a medida pela qual as informações sobre um evento tocam as várias partes que compõem a realidade social de uma pessoa; isto é, baseado no modo como um acontecimento se conecta a uma determinada realidade ocorre o entendimento do mundo por parte das pessoas envolvidas nessa dinâmica interpretativa – possibilidade que concede também à noticiabilidade o estatuto de uma construção cultural.

De outra parte, enquanto a noticiabilidade é definida no nível individual de análise e leva em consideração a questão da saliência pessoal que um evento provoca em um determinado ator social (seja ele jornalista ou não), a notícia consiste em um artefato industrial complexo formatado e hierarquizado por filtros, tensionamentos e disputas simbólicas decorrentes de fatores como as rotinas profissionais da prática jornalística, as características organizacionais das empresas de comunicação e as influências das diferentes instituições sociais envolvidas no processo, além de variáveis macrossociais como valores culturais e ideologia (Shoemaker & Reese, 1996). Além disso – e o que é bastante caro às reflexões aqui estabelecidas –, as notícias, como formas simbólicas hegemônicas na narração do cotidiano ao longo do século XX, materializam-se em torno de três dimensões constitutivas: uma dimensão pragmática (as relações de plausibilidade e de verossimilhança com a concretude do mundo fenomênico), uma dimensão ético-deontológica (instituída em torno dos valores profissionais críveis e de noções como autoria e autoridade jornalística) e uma dimensão estético-expressiva (o caráter expressivo do fenômeno social em relação a formato, estilo e apresentação).

Já o segundo pressuposto (P2), tomado de empréstimo da teoria literária, diz respeito ao fato de que nenhum padrão narrativo ou forma simbólica se dissemina socialmente se não encontrar respaldo em padrões culturais mais amplos (e geralmente hegemônicos) pavimentados nos meandros da vida cotidiana (Moretti, 2003, 2007; Silva, 2017). Logo, as formas simbólicas – tal como os valores de noticiabilidade – difundem-se na medida em que encontram ressonância em elementos extralinguísticos presentes no horizonte da cotidianidade, o que sublinha a importância de um diálogo franco entre o entendimento da disseminação das formas de expressão noticiosa e das expressões artísticas cuja discussão abre este ensaio.

Para o crítico literário italiano Franco Moretti (2003, p.15), “quando uma novidade tão prosaica e modesta consegue difundir-se por toda a parte, deve haver algo na cultura circunstante que se encontra em profunda sintonia com ela”. A afirmação do autor, evidentemente, não se destina originalmente ao universo das notícias ou da desinformação, foco deste texto. No extrato em questão, o crítico literário se refere às especificidades de determinada modalidade do romance europeu no século XIX, seu campo de estudo. Em termos teórico-metodológicos, todavia, na visada da interlocução entre o jornalismo e o campo mais amplo das expressões artísticas, o ponto de mirada de Moretti (2003) denota um pressuposto mais abrangente; este, sim, aplicável à prática jornalística e à lógica da desinformação: a disseminação social de determinadas formas simbólicas em detrimento de outras sempre remeterá à uma espécie de “prazer narrativo”, seja por parte dos enunciatários em consumi-lo ou por parte dos enunciadores em operá-lo – raciocínio que ajuda a fundamentar a análise da disseminação em massa de notícias e de não-notícias nas redes sociotécnicas.

A forma como trama: subsídios para o terceiro pressuposto

A ideia de “forma como essência da trama” trabalhada por Moretti (2003, 2007) na literatura e por Bourriaud (2009) no universo das expressões artísticas mostra-se passível de interlocução com os pressupostos iniciais aqui delineados para o campo jornalístico. Abre-se caminho, assim, para a terceira pressuposição (P3) que fundamenta este trabalho, novamente em interface com os estudos literários: entende-se que a codificação simbólica de variáveis culturais presentes na vida cotidiana não se estabelece apenas no plano do conteúdo de uma narração (como em cenários e personagens), mas – e sobretudo – em sua própria forma, na dimensão estético-expressiva do narrar (Moretti, 2003).

Moretti (2003, 2007) observa na ritmização e nos ritos (muitas vezes ocultos) entranhados na vida privada e na vida cotidiana as chaves explicativas para a disseminação social de determinadas formas simbólicas e de estilos narrativos. O autor recorre, por exemplo, a um texto clássico de Lukács, publicado originalmente em húngaro no início do século XX, para reforçar seu ponto de vista:

A forma, numa obra, é o que organiza, num todo fechado, a vida que lhe é dada como assunto, aquilo que determina seu tempo, ritmo e flutuação, sua densidade e fluidez, sua rigidez e suavidade; aquilo que acentua as sensações percebidas como importantes e distancia as de menor importância; aquilo que coloca as coisas no primeiro plano ou no plano de fundo e arruma-as em ordem. (Lukács, 1981, pp.69-71 *apud* Moretti, 2007, p.24).

Ao estabelecer este deslocamento teórico-metodológico, o crítico literário italiano busca identificar – tal como num processo de decantação – a sedimentação da finalidade política e da natureza ideológica entranhadas nas obras artísticas: no caso em questão, a partir da chave-explicativa da hegemonia, trata-se da relação que se estabelece entre os elementos formais da narração e a ritualização de um determinado modo de sociabilidade na vida cotidiana. Não por acaso, em entrevista sobre sua obra, Franco Moretti propõe uma inusitada analogia entre a propagação em massa dos romances burgueses na Europa e, no mesmo período, o consumo dos relógios de pulso, estes últimos marcadores técnicos da disciplina e do ritmo da vida no seio do capitalismo industrial (Cariello, 2009)².

E o que dizer das notícias? Para Barhurst e Nerone (2001, p.9, tradução nossa), uma forma noticiosa “nunca é inocente ou neutra”, pois “pactua e reforça padrões de deferência, assim como os outros aspectos formais da cultura”. No interior deste raciocínio, como marcador simbólico de tempo e espaço, dos ritmos e ritos da vida em sociedade, entende-se que o modo noticioso de narrar o mundo endereça a um entendimento semelhante aquele voltado às expressões artísticas (Silva, 2017). Afinal, como formas simbólicas, se as notícias se disseminaram socialmente como ocorrera ao longo do século XX no modo de sociabilidade moderno, haverá de existir algo em sua dimensão formal que respalda tal dinâmica.

Historicamente, o jornalismo que floresce no século XVII europeu a partir da confluência de fatores como o desenvolvimento da tipografia gutemberguiana, a expansão dos mecanismos técnicos que possibilitam um inédito fluxo de informação e a consequente transformação desse fluxo em mercadoria no seio de uma economia em expansão (Atwood & De Beer, 2001), assiste, no porvir do século XIX, à configuração de uma nova modalidade de opinião pública que demanda dos antigos compêndios noticiosos um mergulho no cotidiano numa tentativa de espelhamento da realidade (Dickens-Garcia, 1989). Já no século XX a ideia de objetividade ganha corpo e, nas palavras de Schudson (1978), torna-se ideologia. Em síntese, as notícias calcadas na factualidade passam a representar o modo hegemônico de acesso às discussões estabelecidas no espaço público (Barhurst & Nerone, 2012).

Embora com diferentes fases, este processo transcorre com relativa estabilização até o ponto de inflexão contemporâneo que, como debatido anteriormente, estrutura-se em grande medida no exacerbamento de características como a customização e a interação

2 Argumenta Moretti: “Geralmente os historiadores literários buscam uma explicação para esse aumento de vendas de livros na própria estrutura dos romances (...). Procurei uma explicação alternativa para o fato de, de repente, os romances venderem mais. Defendi que a razão deve ser semelhante àquela que levou, no mesmo período, a uma produção e a um consumo maior de relógios, por exemplo” (Cariello, 2009).

– agora pautadas pela lógica algorítmica das redes, pano de fundo para a circulação em massa de estratégias disruptivas que mimetizam o conteúdo noticioso. Nesse contexto, entender o caráter estético-expressivo das notícias (e, por extensão, das não-notícias) mostra-se fundamental para o desvelamento da complexidade por trás da expansão da desinformação.

As hipóteses e seus nexos

Duas hipóteses de fundo ganham corpo no interior da linha de raciocínio aqui estabelecida. A primeira delas (H1) – em sintonia com o terceiro pressuposto (P3) supra-mencionado – remete à compreensão de que no cenário contemporâneo de mudanças estruturais das práticas culturais e comunicativas – o que envolve o núcleo da produção jornalística – a dimensão estético-expressiva das notícias adensa-se sobre suas dimensões pragmática e ético-deontológica, bem como sobre os parâmetros clássicos da “disponibilidade” e da “adequação” dos fatos (Gans, 2003).

No interior desta hipótese, algumas reflexões no plano das teorias do jornalismo mostram-se importantes, a começar pela compreensão da correlação fundante entre as concepções de “fato” e de “notícia”. Para Gomes (2009, p.29), as notícias fazem referência a “dados da realidade, que se apresentam na forma de eventos ou fenômenos, com os quais é possível pôr-se em relação imediata na experiência e/ou mediada por meio do texto”, isto é, os fatos. Por sua vez, ao menos em princípio, os fatos constituem propriamente “objetos mudos”, ou seja, “objetos com os quais não é possível nenhuma comunicação ou interação linguística” – embora eles sempre configurem o foco de perseguição (a substância fundamental) dos jornalistas.

Essa diferenciação, por sua própria trajetória teórico-conceitual, conduz a outro discernimento que ocupa lugar de destaque na construção da narrativa jornalística: a diferença nos sentidos de temporalidade existente entre um fato e sua narração. Tal dessemelhança, aponta Gomes (2009, p.32), não é difícil de ser verificada no plano analítico, uma vez que o fato é sempre “lançado ao passado”, configurando “o campo daquilo que não está ao nosso alcance, do irrevogável”. Já a narração – o texto –, como “tessitura discursiva”, institui-se “nas tramas da linguagem” (Gomes, 2009, p.32). Ambos, todavia, são mediados por diferentes regimes de correlação e de relação com a realidade:

O texto, visto em si mesmo, é uma *configuração expressiva*, que produz sentidos que se referem a fatos reais, a fatos imaginários ou não se referem absolutamente a fatos. O seu efeito é o sentido. Já o texto, visto como fato ou parte de um fato, não é mais apenas uma configuração expressiva, mas desenvolve essa sua potencialidade inevitável tornando-se também e, sobretudo, uma *configuração pragmática*, um ente que, ao produzir sentido, produz também efeito prático, como todos os outros objetos e agentes inseridos na inter-relação factual. (Gomes, 2009, p.33).

Nesse panorama, a atividade jornalística acaba por lidar cotidianamente com ambas as instâncias de produção de efeitos: os efeitos de sentido e os efeitos de realidade.

Deriva daí a importância do entendimento de que o processo de conformação das notícias – a seleção dos acontecimentos noticiáveis e a subsequente construção da narração noticiosa – pode envolver elementos extraídos tanto da configuração estético-expressiva quanto da estrutura pragmática da realidade. Tal relação ocorre, em tese, sob mediação da dimensão ético-deontológica das notícias, ou seja, trata-se de uma costura entre efeitos de sentido e de realidade que se materializa sob os auspícios de valores simbólicos como a autoria e a autoridade da prática profissional (Vos & Finneman, 2017).

A conjuntura que alvorece a partir desta primeira hipótese (H1) proporciona terreno fértil para a disseminação social nas redes sociotécnicas de formas simbólicas não-jornalísticas de expressão noticiosa – tais como as chamadas “fake news” e outros formatos correlatos com aderência na lógica da desinformação – que agridem e tensionam o estatuto histórico da prática profissional do jornalismo e sua produção de sentido em torno de concepções como verdade, acurácia e verossimilhança (Vos & Finneman, 2017; Schudson, 1978). Afinal, a exemplo do que é problematizado por Bourriaud (2009) no campo expressivo das artes entrecruzado pelas novas tecnologias digitais, observa-se também no jornalismo um processo de “abolição da propriedade das formas” e a conseqüente “desmaterialização da atividade”, o que colabora para o processo que Christofletti (2019, pp.68-70) caracteriza como “perda das linhas de defesa” em sua metáfora para o jornalismo como um castelo em ruínas.

Já a segunda hipótese (H2) – alinhada ao segundo pressuposto (P2) apresentado – consiste no entendimento de que o processo de enfraquecimento dos contratos simbólicos instituídos historicamente em torno da prática jornalística (Vos & Finneman, 2017; Christofletti, 2019) encontra respaldo em padrões culturais mais amplos pavimentados – para recordar os ensinamentos teórico-metodológicos de Moretti (2003, 2007) – nos valores, ritos e ritmos contemporâneos que desestabilizam outras instituições sociais modernas, a exemplo da ciência, da justiça, do ensino formal e do próprio estado democrático de direito. Nesse sentido, Skoler (2010) ressalta que a cultura contemporânea está calcada essencialmente na lógica da conexão e do relacionamento. O autor argumenta que a hegemonia das redes sociais como forma de comunicação pode ser explicada menos pela tecnicidade na criação de condições de compartilhamento e mais pela adesão que possui no espírito contemporâneo do tempo.

Ademais, na construção da linha de raciocínio aqui pretendida, soma-se à característica cultural da conectividade outros padrões culturais contemporâneos: a exacerbação do individualismo (Lipovetsky, 2007; Bauman, 2007) e o esfacelamento do consenso e da dimensão pública da vida; o *make-your-self* (Bourriaud, 2009; Fagerjord, 2010) e a hipervalorização da autoestima sobre a autocrítica (Lipovetsky, 2007; Binkley, 2010); o adensamento da aparência sobre a essência; o imediatismo (Lipovetsky, 2007; Bauman, 2007) e a fragmentação das relações sociais (Bauman, 2007; Binkley, 2010); além de valores como a autonomia, a produtividade e a autoeficiência, fundamentais à chamada “cultura empreendedora” (Cohen, 2015), que não podem ser compreendidos

apartados da erosão de legitimidade tanto do jornalismo convencional quanto do rol mais amplo de instituições sociais caras à modernidade.

As hipóteses no horizonte da desinformação

No cenário apresentado, as hipóteses aqui edificadas colocam-se como chaves-explicativas factíveis para a compreensão dos efeitos práticos da crise de legitimidade do jornalismo e do adensamento da desinformação na contemporaneidade. A partir da primeira hipótese (H1), entende-se que a produção de efeitos de sentido (no plano estético-expressivo), quando desencadeada pela disseminação em redes sociotécnicas de uma notícia (em seu sentido estrito, calcada na relação deontológica com a verossimilhança) ou de um formato não-jornalístico de expressão noticiosa (uma “*fake news*”, por exemplo), pode remeter a um processo de reversão para a produção de efeitos de realidade (estes, como configuração pragmática). Explicita Gomes (2009):

A notícia tem essa capacidade de ser reversível, no sentido de que pode ela mesma tornar-se fato tanto quanto o fato de que ela fala. Mas, evidentemente, ao tornar-se fato ela se transforma, tornando-se como os outros elementos do fato. O que não significa que ela perca alguma coisa; ela continua sendo expressiva e, se adquire uma função pragmática, é justamente por causa da sua função expressiva. (Gomes, 2009, p.33).

Tal movimento de reversão – como na metáfora do monstro de Mary Shelley – pode ser visualizado nas reações em cadeia que a circulação de “*fake news*” e de outras formas simbólicas análogas nas redes sociotécnicas depreendem na configuração pragmática da realidade. O mais significativo ponto de inflexão na contemporaneidade, nesse sentido, como tragédia anunciada após presságios como as eleições de 2016 nos Estados Unidos e o processo do Brexit no Reino Unido, constitui o fato de a Organização Mundial de Saúde (OMS), logo após a elevação em março de 2020 da Covid-19 ao estatuto de pandemia, ter evocado que o surto da doença foi acompanhado por uma profunda *infodemia* – um excesso de informações no interior do qual se torna difícil identificar fontes idôneas e orientações confiáveis:

O maior acesso global a celulares conectados à Internet, além das mídias sociais, levou à geração exponencial de informações e a um aumento do número de meios possíveis de obtê-las, criando uma epidemia de informações, ou infodemia. (...) É fundamental interromper este ciclo perigoso: a desinformação se expande no mesmo ritmo que a produção de conteúdo, e as vias de distribuição se multiplicam. Assim, a própria infodemia acelera e perpetua a desinformação. (Opas, 2020, p.3).

Em consonância com a segunda hipótese (H2) aqui trabalhada, constata-se que os casos contemporâneos de produção de efeitos de realidade a partir da circulação massiva das chamadas “*fake news*” e de outros formatos correlatos com aderência à lógica da desinformação (movimentos que se estabelecem em cadeia), a exemplo do fenômeno irradiado no campo da saúde pública (informações disruptivas e a origem de uma

infodemia), não são isolados e encontram circunstâncias análogas em diferentes partes do mundo.

No centro deste debate, a própria concepção de “*fake news*” passa a ter uma multiplicidade de tentativas de definição. Em publicação na prestigiada revista *Science*, Lazer *et al.* (2018, p.1094, tradução nossa) propõem uma sistematização que ressalta a natureza mimetizadora do fenômeno:

Definimos “*fake news*” como informação fabricada que mimetiza o conteúdo dos meios noticiosos em sua forma, mas não no processo organizacional ou na intenção. Os distribuidores de “*fake news*”, por sua vez, carecem das normas editoriais e dos processos para assegurar a precisão (*accuracy*) e a credibilidade (*credibility*) da informação dos meios noticiosos.

Por sua vez, Tandoc, Lim e Ling (2018), com base em revisão de literatura de *papers* acadêmicos que utilizam o termo “*fake news*”, alertam que a semântica tem se tornado uma “palavra da moda” (*buzzword*) e sugerem uma tipologia para o conceito: 1) sátira; 2) paródia; 3) informação fabricada; 4) informação manipulada; 5) publicidade; e 6) propaganda. Os autores, todavia, indicam um elemento comum em todas as definições, exatamente sua dimensão formal:

As *fake news* se apropriam da aparência de notícias reais; como os sites são exibidos; como os artigos são escritos; como as fotos incluem atributos. *Fake news* escondem-se sob um verniz de legitimidade, uma vez que assumem alguma forma de credibilidade, tentando parecer verdadeiras notícias. (...) Esse é um claro reconhecimento do lugar da notícia na sociedade, mas ao apropriar-se indevidamente da credibilidade da notícia, as *fake news* também podem minar a legitimidade do jornalismo, especialmente em um ambiente de mídias sociais. (Tandoc, Lim & Ling, 2018, p.147, tradução nossa).

Denota-se que as tentativas de definição para o conceito de “*fake news*” – com avanços importantes nos campos científico, jurídico e político (Zimdars & McLeod, 2020; Quandt *et al.*, 2019; Souza, 2019) – tem passado pelo reconhecimento de uma mimetização dos aspectos estético-expressivos da prática jornalística por parte de atores sociais/actantes externos ao campo profissional sem valer-se propriamente de uma deontologia profissional e, por conseguinte, da relação referencial com o terreno da verossimilhança. Trata-se, por conseguinte, de uma problemática que se inscreve nas três dimensões das notícias: a estético-expressiva, a ético-política e a pragmática.

Em termos de elementos constitutivos, recorda-se que o fenômeno da exposição no espaço público de “notícias falsas” não é recente na história da comunicação (Atwood & De Beer, 2001; Barnhurst and Nerone, 2001). Entretanto, é necessário reconhecer que a lógica contemporânea da disseminação em massa das “*fake news*” não se respalda propriamente na configuração pragmática dos fatos no plano fenomênico (Gomes, 2009), mas no adensamento sobre este da dimensão expressiva do fenômeno, inscrita – em termos de verificação – no terreno da retórica no qual é possível tergiversar a verdade e persuadir a partir de elementos formais (Sodré, 2009, p.46). A dimensão expressiva

das notícias (ou das “falsas notícias”) – isto é, seu empacotamento simbólico, o estatuto/aparência formal de veracidade – passa, assim, a sobrepor-se aos parâmetros clássicos da disponibilidade e da adequação dos fatos (Gans, 2004), uma vez que o núcleo da disseminação contemporânea de informações simbolicamente empacotadas como “novidades” (a dinâmica cognitiva da noticiabilidade) ancora-se num padrão cultural diferente daquele sedimentado ao longo do século XX nas ideias de “certeza da verificação empírica” e de “confiabilidade dos métodos” (Vos & Finneman, 2017; Schudson, 1978).

O social está na forma (Moretti, 2003) e a forma torna-se trama (Bourriaud, 2009). No caso do jornalismo que adentra à segunda década do século XXI, ao invés de ciclos regulares de circulação das notícias, passa-se à atender às predicções da interação algorítmica (Quandt, 2018; Poell, Nieborg & Van Dijck, 2020), do imediatismo – “o fetiche pela velocidade” (Moretzsohn, 2002) – e da personalização/customização (Palácios, 2003; Mielniczuk, 2003; Salaverría & Negrodo, 2008), em um alinhamento à lógica de implosão de outras esferas da produção e do consumo de bens simbólicos e não simbólicos no seio do modo de produção capitalista contemporâneo (Souza, 2019). Nessa conjuntura, aporta-se em uma espécie de “desritualização do consumo” das notícias (Peter & Broersma, 2013) e de “desmaterialização” (Bourriaud, 2009) da atividade jornalística no interior de um processo mais amplo que não é meramente tecnológico (Sundar, Molina & Cho, 2021), mas essencialmente cultural e enraizado em valores contemporâneos – como aqueles mencionados no escopo da segunda hipótese (H2) deste trabalho. Não por acaso, concede-se vazão a dinâmicas como a massificação da remixagem de elementos estético-expressivos na vida cotidiana (Fagerjord, 2010; Bourriaud, 2009), como a criação e a proliferação de memes, *stickers*, *gifs* animados, pastiches e outras montagens a partir de fragmentos de imagens, sons – e também de notícias. Trata-se de terreno fértil para a disseminação nas redes sociotécnicas de informações não-jornalísticas de expressão noticiosa com forte aderência à logicidade da desinformação.

Amarrando os fios: algumas considerações possíveis

Quando o expoente da música eletrônica japonesa Ken Ishii, no trecho que serve de epígrafe a este artigo, proclama que “agora cada um pode compor músicas ao infinito”, sentença que é corroborada pelo crítico de arte francês Nicolas Bourriaud (2009, p.41) ao afirmar que com a emancipação das novas tecnologias digitais na contemporaneidade “é possível produzir uma obra musical sem saber tocar uma única nota”, explicita-se a natureza paradoxal do fenômeno cultural em voga: o caráter democratizante da horizontalidade que rompe com o monopólio dos saberes, por um lado, e a fragmentação da ideia de autoria somada à instrumentalização das práticas expressivas – inclusive com efeitos econômicos e políticos nefastos, como a desinformação –, por outro.

Neste processo, em sintonia com as reflexões de Quandt (2018), questiona-se qual o peso do ideal democrático da participação cidadã ativa nas redes e qual o contrapeso da

crise institucional de princípios fundantes do jornalismo e do próprio estado democrático de direito? Observar apenas um dos lados desta balança (ou tratá-la somente numa perspectiva normativa) pode endereçar o entendimento do fenômeno ao achatamento de sua complexidade, tal como problematiza Faro (2012, pp.18-19) em sua analogia entre as novas tecnologias digitais e a sublevação do caráter instrumental do *pontilhismo*:

Embora decorra dessa sucessão de acontecimentos uma espécie de deslumbramento que parece reproduzir o sentido utilitário e funcionalista com que as práticas socioculturais desenvolvidas nas redes são vistas, com forte realce de suas qualificações técnicas e operacionais, e que nos parece contrariar a dimensão cognitiva e emancipadora do fenômeno, o fato incontornável é a tensão de natureza sistêmica que eles provocam. (...) Sua emergência, resultado de avanços técnicos acumulativos desde os processos que instauraram a predominância da mídia eletrônica, pode ser vista como um processo instrumental dotado de toda eficácia que sua apropriação econômica e financeira tem ressaltado, mas nos convence ser esta a razão primordial com a qual deva ser analisada, senão como o espaço da fragmentação que se articula naquela que é aparentemente a fragilidade de sua realidade histórica, mas que a rigor mostra sua coerência: o cenário das contradições sociais vistas em suas particularidades simultaneamente com a imagem global que a rede permite, algo parecido com que o *pontilhismo* pretendia para a arte.

No universo do jornalismo, o paradoxo expõe ainda outra fratura: a atenção demasiada concedida por décadas a fio ao estudo da proeminência das notícias na mídia, deixando-se não raramente em segundo plano – como na prática de atravessar a rua e apenas depois observar se havia carros a passar – o caráter cognitivo do fenômeno da noticiabilidade, isto é, o fato de que esta irá sempre dizer respeito a julgamentos individuais – de jornalistas ou não – projetados sobre os acontecimentos do mundo fenomênico (P1).

A quebra do monopólio da autoria jornalística e a crise de legitimidade do campo (Vos & Finneman, 2017; Christofolletti, 2019) radicaliza a horizontalidade da disseminação de informações nas redes sociotécnicas, fertilizando o terreno para a propagação de informações jornalísticas, mas também de informações não-jornalísticas de expressão noticiosa. Seguindo a linha de raciocínio aqui construída, uma das chaves-explicativas que parece destrancar o imbróglio contemporâneo do jornalismo recai exatamente sobre a compreensão da noticiabilidade como um constructo de ordem cognitiva (Shoemaker & Cohen, 2006) e em sua diferenciação do conceito de notícia como um artefato industrial complexo (Shoemaker & Reese, 1996). Afinal, pergunta-se, sob livre inspiração de Moretti (2003): por qual motivo as pessoas compartilham essas formas simbólicas e qual o respaldo/prazer narrativo desse movimento em suas vidas privadas e cotidianas?

Finalmente, no escopo das hipóteses construídas neste estudo, advoga-se que a instituição de uma agenda de pesquisa sobre o tema passa necessariamente pela compreensão do adensamento da dimensão estético-expressiva das notícias sobre suas outras instâncias constitutivas: a dimensão pragmática e a dimensão ético-deontológica.

Reside na ignição deste adensamento – por seu turno, respaldado pelos valores culturais da contemporaneidade – o ponto de combustão da disseminação em redes sociotécnicas de formas simbólicas que respondem pela – e encontram respaldo na – fragmentação das relações sociais contemporâneas (no individualismo, no imediatismo, etc) e pelo esfacelamento de princípios outrora caros à modernidade – como as ideias de “veracidade”, de “precisão”, de “validação” e de “autoria”. Os resultados, aos quais cabe à academia se debruçar, repousam – como ilustra o exemplo da infodemia relacionada à Covid-19 – sobre os severos efeitos de realidade oriundos destes efeitos de sentido.

Referências

- Anderson, C. (2008). *The long tail: Why the future of business is selling less of more*. New York: Hyperion.
- Atwood, R., & De Beer, A. (2001). The Roots of Academic News Research: Tobias Peucer's "De relationibus novellis" (1690). *Journalism Studies*, 2 (4), 485-496. doi: 10.1080/14616700127061
- Barnhurst, K. G., & Nerone, J. (2001). *The form of news: a history*. New York: Guilford Press.
- Bauman, Z. (2007). *Consuming life*. Cambridge: Polity Press.
- Binkley, S. (2010). A felicidade e o programa de governabilidade neoliberal. In: J. Freire Filho. *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade* (pp. 83-104). Rio de Janeiro: FGV.
- Bourriaud, N. (2009). *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cariello, R. (2009, 27 de setembro). *Aventuras modernas: entrevista com Franco Moretti*. Folha de S.Paulo, São Paulo. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2709200915.htm>.
- Christofoletti, R. (2019). *A crise do jornalismo tem solução?* Barueri: Estação das Letras e Cores.
- Cohen, N. S. (2015). Entrepreneurial Journalism and the Precarious State of Media Work. *The South Atlantic Quarterly*, 114 (3): 513-533. doi 10.1215/00382876-3130723
- Dicken-Garcia, H. (1989). *Journalistic standards in nineteenth-century America*. Madison, WI: University of Wisconsin Press.
- Faro, J. S. (2012). Tecnologias digitais e pontilhamento discursivo. In S. Squirra (Ed.). *Ciber Mídias: extensões comunicativas, expansões humanas*. Porto Alegre: Buqui.
- Gans, H. J. (2004). *Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Evanston: Northwestern University Press.
- Gomes, W. (2009). *Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular.
- Latour, B. (2013). *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. (3rd ed.). São Paulo: Editora 34.
- Lazer, D. et al. (2018). The science of fake news. *Science*, 359, 1094-1096. doi:10.1126/science.aao2998
- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São paulo: Companhia das Letras.
- Medeiros, Z., & Ventura, P. C. S. (2008). Cultura tecnológica e redes sociotécnicas: um estudo sobre o portal da rede municipal de ensino de São Paulo. *Educação e Pesquisa*, 34 (1), 63-75. doi: 10.1590/S1517-97022008000100005
- Mielniczuk, L. (2003). *Jornalismo na web: Uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia: Salvador.
- Moretti, F. (2003). O século sério. *Novos Estudos*, 65 (1), 3-33.
- Moretti, F. (2007). *Signos e estilos da modernidade: ensaios sobre a sociologia das formas literárias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Moretzsohn, S. (2002). *Jornalismo em "tempo real": O fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan.
- Opas. (2020). *Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19*. Organização Pan-Americana da Saúde. Recuperado de https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf.
- Palácios, M. (2003). Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In E. Machado, M. Palácios. *Modelos do jornalismo digital* (pp. 1-17). Salvador: GJOL and Calandra.
- Poell, T., Nieborg, D., & Van Dijck, J. (2020). Plataformização. *Fronteiras – Estudos Midiáticos*, 22(1), 2-10. doi: 10.4013/fem.2020.221.01
- Quandt, T., Frischlich, L., Boberg, S., & Schatto-Eckrodt, T. (2019). Fake News. In T.P. Vos, F. Hanusch, D. Dimitrakopoulou, M. Geertsema-Sligh, & A. Sehl. *The International Encyclopedia of Journalism Studies*. doi: 10.1002/9781118841570.iejs0128
- Salaverria, R., & Negredo, S. (2008). *Periodismo integrado: convergência de médios y reorganización de redacciones*. Barcelona: Editorial Sol 90.

- Schudson, M. (1978). *Discovering the news: a social history of American newspapers*. New York: Basic Books.
- Shoemaker, P. J., & Reese, S. D. (1996). *Mediating the message: theories of influences of mass media content*. (2nd ed.). White Plains, NY: Longman.
- Shoemaker, P. J., & Cohen, Akiba. (2006). *News around the world: Practitioners, Content, and the Public*. New York: Routledge.
- Silva, M. P. (2017). Apontamentos sobre a contribuição da sociologia das formas de Franco Moretti para os estudos em jornalismo. *Matrizes*, 11(2), 207-227. doi: 10.11606/issn.1982-8160.v11i2p207-227
- Sodré, M. (2009). *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes.
- Souza, R. B. R. (2019). “Fake news”, pós-verdade e sociedade do capital: o irracionalismo como motor da desinformação jornalística. *Famecos*, 26 (3), e33105. doi: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.3.33105>
- Sundar, S. S., Molina, M. D., & Cho, E. (2021). Seeing Is Believing: Is Video Modality More Powerful in Spreading Fake News via Online Messaging Apps? *Journal of Computer-Mediated Communication*, 26 (6), 301-319. doi: 10.1093/jcmc/zmab010
- Peters, C., & Broersma, M. (2013). *Rethinking Journalism: Trust and participation in a transformed news landscape*. New York: Routledge.
- Tandoc Jr., E. C., Lim, Z. W., & Ling, R. (2018). Defining “Fake News”. *Digital Journalism*, 6 (2), 137-153. Doi: doi:10.1080/21670811.2017.1360143
- Vos, T. P., & Finneman, T. (2017). The early historical construction of journalism’s gatekeeping role. *Journalism*, 18 (3): 265–280. doi: 10.1177/1464884916636126
- Zimdars, M., & McLeod, K. (Eds.) (2020). *Fake news: Understanding media and misinformation in the digital age*. Cambridge, London: MIT Press.